

O SUAVE POUSO DO DÓLAR

A Ciência Política, por sua característica eminentemente multidisciplinar que engloba uma visão plúrima das afetações jurídicas, econômicas, filosóficas, éticas, sociológicas, históricas e muitas outras sob determinados assuntos sujeitos ao seu crivo, permite uma melhor avaliação de determinados fenômenos sociais. Cada vez mais fica evidente que o aporte disciplinar, dado sob um único prisma, cria distorções próprias do contágio do viés unitário inerente ao seu universo reduzido. O mundo globalizado para ser bem entendido, mais e mais, necessita de um processo de interligações e conexões que se estabeleçam entre os vários campos do conhecimento humano. Se o século 20 foi o século da especialização, do sábio dentro de um poço, o século 21 necessita, cada vez mais daqueles que não se restrinjam a uma sala do edifício do conhecimento. Conhecer o espaço físico e funcional do entorno do prédio global, num processo interativo, possibilita chegar a conclusões também integrais sobre o processo de gestação do fenômeno social e político.

Foi com base num aporte multidisciplinar entre situações endógenas, que afetam os estados nacionais, e interações exógenas, que afetam as relações internacionais, que no Natal de 2004 vaticinamos a queda do dólar. Os fundamentos estão devidamente documentados e expostos em artigo intitulado Câmbio, Juros e Política Econômica, publicado na grande imprensa e na Internet (<http://www.direito.ufrgs.br/pessoais/sergioborja/2004/C%C3%82MBIO.htm>).

A expectativa geral, hoje, é a respeito da manutenção ou não desta tendência. Corroboro, mantendo a linha de razão e conclusão do artigo em epígrafe que, conservando-se a política do Banco Central, devidamente afiançada pelo Presidente Lula, como um todo, o dólar persistirá no seu pouso lento. Assim, através de uma “uma lenta e gradual distensão” da taxa Selic, com a manutenção da política de meta de inflação, o dólar buscará em prazo de médio a longo, na mesma proporção cronológica que vem descendo, um alinhamento com o real.

A partir deste cenário estabilizado, lentamente, o capital especulativo será paulatinamente substituído pelo capital não volátil dos investimentos possibilitando ao Brasil retomar seu crescimento através de um processo similar ou análogo ao chamado “efeito China”.

PROF. SÉRGIO BORJA – Professor de Ciência Política e Direito – PUC/RS e UFRGS